

Cultura sob o prisma da cultura popular e *Folk*: uma revisitação conceitual¹

Maria Érica de Oliveira LIMA²
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

O artigo pensa uma revisitação conceitual no campo da cultura, subculturas, destacando a cultura popular como reconhecemos no Brasil e a cultura *Folk* na distinção que há tanto por aqui quanto nos demais países, nominalmente, a partir da revisão de literatura. Portanto, há autores brasileiros, latino-americanos de língua hispânica, português, canadense, inglês, alemães, francês, que não foram ainda refletidos em nossas discussões. O objeto está como podemos visitar, conceitualmente, o pensamento sobre cultura, cultura popular e *folk* no cenário atual? Utilizamos uma pesquisa qualitativa sob a técnica bibliográfica. Confirmamos que o conceito de cultura apresenta argumentos múltiplos e não se esgota facilmente tendo as manifestações complexas passíveis de recorrentes estudos.

PALAVRAS-CHAVE

Conceitos, Cultura, Cultura popular, Cultura *Folk*, Revisão de literatura

INTRODUÇÃO

Faz muito tempo que fizemos leitura do livro “Dos meios às mediações” do pesquisador radicado na Colômbia, Martín-Barbero. Presentemente, deparamo-nos com uma nova máxima: o bom não é apenas ler uma obra, e sim reexaminá-la anos depois. No exercício de reler “Dos meios às mediações” encontramos na fala de Martín-Barbero o primeiro estro para respaldar nossa pesquisa: a reapreciação do popular no âmbito acadêmico. Martín-Barbero (1997, p.120) ressalta a recuperação pelo popular dos estudos históricos. Aponta as investigações sobre cultura, comunicação alternativa “ou no campo de cultura política e das políticas culturais, marca uma forte inflexão, uma baliza nova no debate e alguns deslocamentos importantes”.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual – 1º a 10/12/2020.

² Professora Associada IV do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade da Intercom e DTI Folkcomunicação Ibercom. Conselheira da Rede Folkcomunicação e ex-presidente (2013-2016). Pesquisadora Colaboradora do CITCEM – Universidade do Porto. E-mail: merical@uol.com.br

Seguindo outrossim, pesquisadores e pesquisadoras da área de Folkcomunicação³ (BELTRÃO, 2004) sempre estivemos nessa designação. Portanto, para além do que Martín-Barbero nos aponta nunca deixamos de pertencer ao objeto *folk*. Nos reconhecemos, em conclusão, pela teoria folkcomunicacional, cultura popular, pelos diálogos e interlocuções com demais conceitos; pelos escopos das investigações; pelos manifestos que registramos e publicamos no Brasil sempiternamente, também pelos Congressos em América Latina, Iberoamerica e Estados Unidos⁴.

A importante obra “Comunicação popular escrita” do pesquisador Américo Pellegrino Filho (2009), da Escola de Comunicação e Artes da USP, no tópico *estudos publicados* se refere as pesquisas nos Estados Unidos por meio do *graffiti* nas vias públicas que chamaram atenção de jornalistas, estudiosos e governos por volta dos anos 60 e 70. No Brasil, no mesmo período, destacaram-se os escritos em caminhões (...) e “os dois livros de Beltrão constituem pioneirismo – e como tal, abertos a críticas – no estudo que ele denomina ‘folkcomunicação’” (p. 25). Nesse ato de visitar e reexaminar leituras, autores, pesquisas encontramos nosso objeto de pesquisa: como podemos revisitar, conceitualmente, o pensamento sobre cultura, cultura popular e *folk* no cenário atual?

Visa, no âmbito conceitual da cultura, do popular e da *folk* a compreensão do significado e da importância teórica as manifestações, reforçar mediante revisão de literatura, pesquisa bibliográfica novas reflexões e discussões entre os pares aqui no Brasil estabelecendo uma aproximação com outros autores sob o préstimo da contribuição brasileira; portuguesa; alemã; francesa; canadense e também autores da América Latina hispânica.

³ Ver: Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação, Rede Folkcom. www.redefolkcom.org Revista Internacional de Folkcomunicação <https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/about> Blog FolkMídia de Osvaldo Trigueiro <https://meiratrigueiro.blogspot.com/>

⁴ Neste caso, vale ressaltar que foram encontrados 53 referencias entre books, articles, conference proceeding, outros, sobre Folkcomunicação. University of Texas Libraries - Benson Collection do Teresa Lozano Long Institute for Latin America Studies (LILLAS) The University of Texas at Austin uma das mais importantes bibliotecas dos Estados Unidos para assuntos latino-americanos. Disponível em: https://search.lib.utexas.edu/discovery/search?search_options=https:%2F%2Fsearch.lib.utexas.edu%2Fdiscovery%2Fsearch&vid=01UTAU_INST:SEARCH&tab=Everything&search_scope=MyInst_and_CI&of fset=0&query=any,contains,Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o Acessado em 24 de agosto de 2020.

Enfim, pesquisar o que se produz, atualmente, no tocante à cultura, à cultura popular e ao *folk* (conforme nos países de língua inglesa), cuja maior relevância está no ato de voltar a estudar, requalificar, e provocar, conseqüentemente, debates para fomentar avanços na área. Levantamento, do qual urge frente aos desafios impostos nos dias de hoje pela diversidade cultural e acontecimentos.

Metodologia

Nessas aproximações da pesquisa que visa a produção de um conhecimento novo, relevante teórica e socialmente, fidedigno (LUNA, 1198), no tocante ao conceitual, utilizamos à pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1994, p. 21): “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. O mapeamento qualitativo cumpriu o Estado da Arte para captar os estudos que estão sendo realizados ou já foram concretizados a partir do nosso recorte de autores ainda pouco mencionados no Brasil e de publicações recentes.

Segundo Stake (2011) levamos em consideração a realidade da experiência pessoal (da pesquisadora) e a realidade do grupo e da relação social, cujas vivências se conectam, se sobrepõem, se unem, mas são visivelmente diferentes. “O que acontece coletivamente (para um grupo) raramente é a combinação da experiência pessoal (...) o que acontece no campo pessoal é muito mais significativo do que a separação das relações coletivas (p.28). Por isso, essa investigação mais intimista, digamos assim, traz a cultura como sistemas sociais e macropesquisas, já os estudos sobre cultura popular ou *folk* permanecem nas dimensões micropesquisas.

Cumprimos pesquisa qualitativa buscando preencher as lacunas que há no campo da cultura e da cultura popular (no tocante ao Brasil) por meio da revisão de literária, cujo método mais flexível também permitiu técnica de pesquisa bibliográfica, valendo-se, também da *experience survey* de novas leituras.

Cultura e subculturas: uma revisão conceitual

Neste exercício de ponderações, empregando a pesquisa bibliográfica eis que surgem os estudos sobre o indivíduo e suas culturas, de Bernard Lahire (2006), especificamente sobre as “práticas culturais dos franceses 1997” respondendo *as práticas e consumo culturais* que busca com a observação do mundo social a partir do indivíduo a compreensão das pessoas sociologicamente habitadas por cultura.

Lahire (2006) também nos faz pensar que desde os anos 60 do século passado *a cultura* fez reconhecer como arbítrio cultural que se impõe como única “cultura legítima” em suas relações com as classes sociais o que “leva a denunciar as desigualdades sociais no acesso à “Cultura” (p.15). Também destacando funções sociais da arte e da cultura em sociedades diferenciadas e hierarquizadas: “classes sociais e sua distância maior ou menor em relação à cultura, hierarquias culturais que ordenam os homens, os objetos e as práticas do mais legítimo ao menos legítimo” (p.15).

Razoar sobre as hierarquias culturais nos fez amentar sobre o debate das categorias de percepção em torno das obras, inclusive, a submissão progressiva a um julgamento cultural sustentado por sistemas contrários. Lahire (2006) assegura essa tônica no quadro demonstrativo abaixo que vale muito pela sistematização:

Quadro 1

+	-
Alta cultura	Baixa ou subcultura
Grande cultura	Incultura
Cultura	Entretenimento/diversão
Arte	Comércio
Arte	Moda
Belas-artes	Artes aplicadas
Legítima	Ilegítima
Educada	Não-educada
Elevação	Rebaixamento
Refinada	Vulgar

Complexa	Simple
Séria	Frívolo
Respeito	Falta de respeito
Veneração	Profanação
Sagrado	Profano
Silêncio	Bruto
Solenidade	Descontração
Reflexão	Distração
Circunspeção	Relaxamento
Eterno	Efêmero
Espiritual	Sensual
Profundo	Superficial
Raridade	Multidão
Pureza	Impureza/Mistura

Fonte: Bernard Lahire. A cultura dos indivíduos. p. 69

Isto posto, indica que estão sempre “separando o trigo cultural do joio da diversão” (p. 69), de um flanco, gêneros (menores/maiores); de públicos (populares/ignorantes/cultos). Lahire (2006) avança nos explicando que nos séculos XIX e XX, muitas artes e gêneros foram julgados a partir destas categorias de percepção da cultura e algumas colocadas do lado da *não-arte*:

(...) a cromolitografia, a fotografia, a comédia musical, o burlesco, o jazz, o blues ou o rock, o rádio, a televisão, os atores populares, etc. Mas os defensores dos gêneros rebaixados, por sua vez, em resposta a esse estigma, não se cansam de parodiar as obras mais ‘nobres’, de ridicularizar o sério e a pretensão dos portadores dessa ‘alta cultura’, de criticar ou de zombar do arcaísmo e da arrogância da arte ou dos artistas europeus” (LAHIRE, 2006, p.72)

Essa alteração insiste naquela secundada matriz conceitual da cultura popular, *cultura* de massa e cultura erudita (WILLIAMS, 1979; BOSI, 1977; ADORNO, 1996; BENJAMIN, 1983; HALL, WHANNEL, 1964) que não averiguaremos neste texto, todavia não deixaremos de subsumir.

Encetaremos pela *World Conference on Culture Policies* da Cidade do México, realizado pela UNESCO (*The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) em que a definição de cultura determina toda sua complexidade e os direitos fundamentais do ser humano: “Culture is the whole complex of distinctive spiritual, material, intelectual, and emotional features that characterize a society or social group. It includes not only arts and letters, but also modes of life, the fundamental rights of the human being, value systems, traditions, and beliefs” (*World Conference on Culture Policies*, 1982). A contar por esse prisma, em que não se inclui apenas artes e letras, mas também modos de vida, sistemas de valores, tradições e crenças, procuraremos perceber como a cultura tem ingredientes em que consistem conjuntos de valores, normas, atitudes, crenças e suposições básicas (BUHMANN; HELLMUELLER; BOSSHART, 2015) que refletem no comportamento:

These are reflected in behavior, art, music, myths, movies, fashion, architecture, advertising, literature, sports, language, etc. As such, we may visualize culture as a hierarchical structure, at the core of which we locate basic assumptions and beliefs. Widely accepted values forms the next level from the center, leading to further levels of patterns of goals and, further out, widely followed ways of behavior. The outer layer in this hierarchy consists of artefacts, that is, the result of cultural production (p. 6)

Os autores acima da University of Fribourg-Freiburg na publicação da *Communication Research Trends* (2015), nos avizinha a cultura como uma estrutura hierárquica em que localizamos no centro da questão suposições básicas e crenças, e também conciliamos valores amplamente aceitos que formam o próximo nível do centro, levando em conta os níveis de padrões de metas, e mais adiante, as formas de comportamento que são amplamente seguidas. A camada externa nesta hierarquia consiste, portanto, em artefatos, que vai, obviamente, resultar na produção cultural.

À vista disso, evidenciamos o certame das expandidas definições de cultura, cujo nosso objetivo ao inferir sobre cultura popular – no que reconhecemos no Brasil – não poderíamos deixar de levantar as hierarquias e as distinções entre subculturas como são

validadas noutras formulações de pensamento: *popular culture* não é no sentido concepção a nossa cultura popular, e sim, *folk culture*.

A pesquisadora portuguesa Rita Ribeiro (2019), da Universidade do Minho, numa revisão conceitual sobre cultura popular nos elucida que há tamanho intrincado de sentidos “que aquilo que em português designamos por cultura de massas, é dito em língua inglesa *popular* ou *pop culture*, e designa-se em língua portuguesa cultura popular aos que os anglo-saxónicos chamam *folk culture*, da raiz germânica *volk* (povo), na origem do folclore” (p. 108/109). Melhor dizendo, conforme o silogismo de Ribeiro (2019) a cultura popular, como se encontra, observamos e examinamos é um “lugar de conexão” e “disputa entre a produção cultural massificada para o povo e a ideia de cultura tradicional e autêntica do povo” (p.109).

Demover essas taxionomias, quer dizer, no nosso cenário brasileiro, deslocá-las para depois reestruturá-las. Outra vez, não nos concerne a contenda sobre cultura de modo exaustivo, ainda assim, corroboramos as distinções comuns entre as subculturas:

Quadro 2 – Common distinctions between subcultures

High culture	Popular culture
Exclusive Innovative Complex Intellectual Institucional By elites for elites	Mainstream Accepted and consumed by large majorities Strong channels of diffusion (mass media)

Mass Culture	Folklore and Folk culture
Understandable, readily accessible	Traditional narratives, legends, myths, sayings
Entertaining	Archetypes
Standardized	Fantasy
Mass produced, mass mediated	Decentralized
Commonly liked	By non-elites for non-elites
Widespread	
Confirmative	
By elites for non-elites	

Fonte: (BUHMANN; HELLMUELLER; BOSSHART, 2015, p.7)

Distinções e aproximações das subculturas

Destarte, as distinções entre subculturas legitimam o que encontramos no conteúdo de *Popular Culture* de Marcel Danesi (2018) professor de Antropologia, Semiótica e Teorias da Comunicação da University of Toronto quando se refere ao fenômeno ainda no ano 1923 num evento na Broadway musical, *Running Wild*, (...) “it was evidence that America had started to yearn for new, carefree, open, nontraditional form of recreational culture” (p. 1). *Popular culture* como toda subcultura não é um termo fácil de definir. Assim como no Brasil, cultura popular também não é uma matéria descomplicado à primeira vista. Por isso, interessante ter como ponto de partida o conceito de cultura, cujo Danesi (2018) começa por uma definição funcional. Ele diz que os antropólogos definem a cultura como um meio de organizar e estabilizar a vida comunitária as atividades cotidianas.

Evidentemente que essa vida comunitária se dá por meio de crenças, rituais, ritos, formas de arte performáticas específicas, símbolos, linguagem, vestimenta, comida, música, dança e outras atividades e faculdades expressivas, intelectuais e comunicativas humanas que estão associadas a um grupo de pessoas em um determinado período:

Anthropologists would define culture as a means of organizing and stabilizing communal life and everyday activities through specific beliefs, rituals, rites, performances art forms, symbols, language, clothing, food, music, dance, and other human expressive, intellectual, and communicative pursuits and faculties that are associated with a group of people at a particular period of time (DANESI, 2018, p. 2).

Mais uma vez, compreendemos que é comum a subdivisão da cultura o que os teóricos classificam de alta e baixa, com base nas percepções históricas associadas aos movimentos estéticos como também a alta cultura ser considerada de maior importância, diferentemente da baixa, vista muitas vezes como recreativa e talvez até profana:

It is common to subdivide culture into high and low based on historical perceptions associated with aesthetic movements. High culture is considered to include forms that have more profound importance in human life than low culture, which is seen as simply recreational and perhaps even base or profane (DANESI, 2018, p. 2).

A *pop culture*, *popular culture*, por outro lado, segundo Danesi (2018, p. 2) faz poucas ou nenhuma dessas distinções categóricas. Seu surgimento na década de 1920 deveu-se, em grande parte, a uma riqueza inesperada, que deu às pessoas, independentemente de classe ou formação educacional, consideravelmente mais poder de compra. Sua disseminação, portanto, foi possibilitada por uma parceria cada vez maior e mais reforçada de mídia-tecnologia-negócios. Desde então, desempenhou um papel fundamental da evolução geral da sociedade americana e nas outras sociedades modernas:

(...) pop culture, on the other hand, makes little, if any, such categorical distinctions. Its emergence in the 1920s was due, in large part, to unexpected affluence, which gave people, regardless of class or educational background, considerably more buying power. Its spread was made possible by an ever-expanding and ever-reinforcing media-technology-business partnership. Since then, it has played a pivotal role in the overall evolution of American society (and virtually every other modern society).

É por isso que normalmente designam períodos historicamente significativos de mudança social com termos de *pop culture*, por exemplo: “the *flapper era*, the *swing era*, the *hippie era*, the *disco era*, the *punk era*, the *hip-hop era*, the *viral video era*, and so on – all of which reference major trends within pop culture” (DANESI, 2018, p. 2). O que bem salienta Ribeiro (2019), não podemos deixar de falar de cultura popular – na nossa perspectiva brasileira – sem dispor o enfileiramento entre as subculturas, pois desde o início do século XX convivem-nas “num sistema de vasos comunicantes, com um continuum entre elas – não há formas culturais íntegras e autênticas, o que há são lutas simbólicas pela mútua delimitação e exclusão” (p.109).

No texto intitulado “Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências”, Marques de Melo (2004, p. 11) estabelece a Folkcomunicação como disciplina científica ativa ao “estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”, cujo objeto de estudo arrua entre o “Folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a Comunicação de massa (difusão industrial de símbolos por meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas)”.

Nestas perspectivas de cultura, do *folk*, do folclore e da comunicação, pensarmos uma atualização conceitual nos remete a afirmação da Ribeiro (2019, p. 114) que legitima o “lugar de alteridade da cultura popular e a eminência da sua conversão à lógica esbulhadora do mercado e do turismo são ricos de reificação que são hoje específicos, mas não inéditos”. Afinal, consoante com Rita Ribeiro (2019, p. 114) “modernidade que emancipou o povo foi a mesma que escarneceu das suas tradições e erodiu o sentido de comunidade”. Portanto, desafios que pretendemos apontar mediante os novos fenômenos sociais e midiáticos que alteram a noção de cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem discorre o pesquisador inglês Edward Palmer Thompson (1998, p. 22), na sua obra “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional” a cultura oferece-nos o portento acontecimento que requer nosso versar e revisitar:

não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.

Compreender e alcançar essas representações não só passam pelo encantamento do fenômeno como de todo processo ritualístico: estético, econômico, religioso, comunicacional ou midiático, identitário, sociológico, cultural, histórico-antropológico, o que nos exige melhoramentos reflexivos. Percorrer essas veredas e merecer escrutínio metuculoso dependem de todos: manifestações, povo e pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Os pensadores).
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 2004.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BOSI, E. Comunicação de massa: o dado e o problema. In: _____. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- BUHMANN, Alexander; HELLMUELLER, Lea; BOSSHART, Louis. Popular culture and communication practice. **Communication Research Trends**. Volume 34. Nº. 3. Center for the Study of Communication and Culture. Santa Clara University. Califórnia, USA, 2015.
- DANESI, Marcel. **Popular culture: introductory perspectives**. New York: Fourth Edition, 2018.
- DÂNDELO, Newton. **História e cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artemed, 2006.

-
- LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 120
- PELEGRINO FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: EdUSP, 2009.
- RIBEIRO, Rita. Cultura popular: uma revisitação conceitual. In: MARTINS, Moisés de Lemos; MACEDO, Isabel (Eds.). **Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono**. CECS. Universidade do Minho. V.N. Famalicão: Húmus, 2019.
- STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WILLIAMS, R. Tradições, instituições e formações. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WORLD CONFERENCE ON CULTURE POLICIES**. México City declaration on cultural policies (UNESCO). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505>
Acessado em 25 de agosto de 2020.